

O Imaginário na Literatura

Delma Pacheco Sicsú¹
Universidade do Estado do Amazonas

A Literatura Brasileira, como outras literaturas, reflete em suas produções literárias o contexto histórico, social e cultural no qual foi produzida, fazendo assim uma releitura dessa realidade através da ficção.

Por ser um país “policultural” como se refere Durand (2011) em sua obra *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da linguagem*, não é de se estranhar que o Brasil tenha imaginário imenso e diversificado; demarcador das fronteiras regionais desse país, guardião de tradições e de novas configurações dos símbolos, mitos e lendas que aqui se manifestam.

O imaginário que se manifesta no Brasil, em especial o literário, mantém, portanto, uma relação direta com a cultura, a história e a sociedade brasileira. A literatura, nesse sentido, como parte dessa cultura, não poderia deixar de ser também um dos suportes do imaginário multi e plurissignificativo do país.

Pelinser e Arendt (2009) evidenciam que a literatura é um processo de identificação de determinada sociedade por meio de representações simbólicas presentes na história, que moldam cultura e passam a ser por elas moldadas. De posse desses elementos, ela vai construindo seu imaginário numa relação inter e transdisciplinar, dialogando com outras áreas do conhecimento humano e extrapolando o simples deleite, pois leva o leitor a transcender da ficção para a reflexão.

¹ Mestra em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas, professora do curso de Letras da UEA (Universidade do Estado do Amazonas), orientadora de projetos de pesquisas sobre literatura infanto-juvenil amazonense do Programa de Apoio a Iniciação Científica (PAIC), pesquisadora do Núcleo de investigação da Cultura e Educação no Baixo Amazonas (NICEBA), Orientadora de Trabalhos de conclusão de Curso na área de Leitura, Literatura Infanto-juvenil e Teoria Literária. delmasicsu@bol.com.br

Nesse viés da literatura, como construtora do imaginário a partir de um contexto histórico-social, coloca-se a importância dos sentidos. Tomam-se algumas figuras emblemáticas da literatura para explicar o porquê da presença na obra de determinados autores. Segundo eles deve-se:

Compreender os motivos dos bois e burros serem exaltados na produção literária de Guimarães Rosa, ao passo que, na de Simões Lopes Neto, quem recebe maior atenção é o cavalo. Esse processo se dá por causa da importância dos bovinos e burros no contexto mineiro da época representada, visto que os primeiros formavam a base de transporte e carga, por sua resistência física ao ambiente hostil. Assim, criou-se toda uma simbologia em torno dos animais, solidificando-a pelo passar do tempo na mente dos habitantes. No caso gaúcho, o relevo e clima diferenciados são bastante propícios à utilização do cavalo que adquire *status* quase mítico quando vinculado à figura do peão, do estancieiro e do guerreiro. (PELINSER & ARENDT, 2009, p. 42-43).

A literatura brasileira se desdobra e ao mesmo tempo se unifica num emaranhado de representações simbólicas, formando um imaginário rico, diversificado e também específico. Fala-se específico tomando aqui expressão criada por Durand (2011), quando ele entende que o imaginário se constrói em determinado contexto histórico e social e vai se reconstruindo conforme a realidade exija ou se modifique.

Como afirma: “este ‘inconsciente específico’ forma-se quase no estado de origem (tal como o gesso ‘adquire forma’ num molde) das imagens simbólicas sustentadas pelo meio ambiente, especialmente pelos papéis, as *personae* (as máscaras), desempenhadas no jogo social” (DURAND, 2011, pág. 94).

O Brasil é berço de um vasto campo de investigação sobre esse tema. Em seus estudos, Trindade e Laplatine (1997) falam do contexto amazônico, tomando como fio condutor relatos deixados por Gaspar de Carvajal, o qual, ao conhecer o Amazonas e a Amazônia enxergou o rio como um mar e a floresta como infinita.

Recomendamos ao leitor essa experiência – sempre atual – do fantástico amazônico, acrescentando, entretanto, que não se passa ileso por ela. Quem nunca encontrou o leito do rio-mar inundando de luz ou de chuva, segundo os dias, as horas, transbordantes de entulho, de cipós, de árvores gigantes desenraizadas vindo a toda velocidade em sua direção, ameaçando a gaiola que o leva até onde a natureza pode chegar em suas possibilidades. A natureza é também os homens. (TRINDADE & LAPLATINE, 1997, p. 61-62).

Como se observa, a Amazônia é vista pelo olhar do estrangeiro como algo fabuloso e fantástico, em que a natureza se apresenta como desafio e encantamento, ao mesmo tempo. É um espaço que, aos olhos de quem está de fora ou de quem nunca viu, surge como exótico,

como surreal ou avassalador, criando muitas vezes uma visão equivocada, diferente da visão dos que aqui habitam, conhecem e vivenciam esse espaço.

Gondim (2007) faz estudo acerca do imaginário criado pelo estrangeiro sobre a Amazônia. Ele, segundo Gondim, criou uma imagem distorcida deste espaço e essa distorção ainda se faz presente nos dias atuais. “As potencialidades que os autores de ficção pensam existir na Amazônia ainda guardam o vigor dos tempos primeiros dos navegadores de águas turvas e cristalinas do Rio das Amazonas e de seus tributários no bordado de suas estradas líquidas” (GONDIM, 2007, p. 329).

A ficção tem papel fundamental no sentido de legitimar o discurso do outro ou de desmistificar conceitos que se tem sobre determinado grupo social e cultural. Como ilustração da desmistificação, lembra-se o relato de Milton Hatoum que, ao ler *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, muda, de certa maneira, sua concepção a respeito do Brasil, pois o livro mostra a ele outra cultura, outro grupo social, diferente do qual estava acostumado a ver e a vivenciar na Amazônia.

Quase tudo no livro era diferente e estranho: o clima, a paisagem, a geografia, as personagens e seus dramas. Percebi com a mediação desse romance, uma outra face de um mesmo país, uma face que quase nada tinha a ver com o mundo ciclópico e aquático do Amazonas. Sem que eu tivesse plena consciência, estava lidando com outra cultura, que até certo ponto era também minha escrita na minha língua materna, mas com um vocabulário nem sempre familiar para mim ou para muitos leitores da região onde nasci (HATOUM *apud* SCHÜLER 2004, p. 87).

Da fala de Hatoum depreende-se que, mesmo pertencente a um mesmo país, a literatura brasileira também se fragmenta em regiões. E, embora tratando de temas universais, ganha e tem tonalidades específicas daquela região, efetivadas no vocabulário, no modo de ser das pessoas representadas e nas atitudes das personagens. O Amazonas, por sinal, é uma parte do Brasil onde há diferentes culturas, diferentes vocabulários, diferentes formas de viver. O Estado é um só, mas sua cultura é plural. Essa pluralidade se apresenta nas festas populares, na culinária, na linguagem e, principalmente, no imaginário.

O que se evidencia é a resistência de uma cultura que, embora tenha tido o contato com outras e mesmo sendo influenciada por elas, manteve e continua mantendo seus traços, suas particularidades e identidade. Os escritos literários produzidos no Amazonas deixam evidente que a presença do mito, da lenda, dos símbolos e saberes populares são ingredientes fundamentais na construção e reconstrução do imaginário literário manifesto.

Kuss (1995) afirma que a Amazônia lendária começa a ser construída quando exploradores europeus em contato com nativos da região, ao presenciarem banquetes antropofágicos, pajelanças, ritos sangrentos, nudez e costumes indígenas criam a Amazônia imaginária incorporando nos relatos esses elementos. Os relatos de documentos históricos passam então a construir-se como lendas e mitos dos povos que habitam essa região.

Embora esses relatos tenham sido construídos sob a ótica do colonizador, é evidente que a cultura de seus habitantes é que se destaca e até hoje se faz presente na ficção. Na literatura amazonense, seja ela escrita para o público adulto ou infanto-juvenil, a presença da cultura dos nativos, dos povos ribeirinhos ou mesmo dos que vivem na cidade é significativa.

REFERÊNCIAS

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Helder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2007.

HATOUM, Milton. **Identidades difusas**. In SCHÜLER, Fernando Luís. BORDINI, Maria da Glória(Organizadores). **Cultura e identidade regional**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004.

KUSS, Daniele. **A Amazônia: mitos e lendas**. Ilustrações Jean Torton. Tradução Ana Maria Machado. São Paulo: ática, 1995.

LAPLATINE, François. TRINDADE, Liana. **O que é o imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

PELINSER, André Tessaro. ARENDT, João Carlos. **Imaginário, identidade e cultura: a perspectiva regional**. Teia Literária: revista de estudos culturais- Brasil- Portugal – África- (2007) - - Jundiaí, SP: Editora In House, 2007.

SOUZA, Márcio. **A literatura na Amazônia: as letras na pátria do mito**. Disponível em: www.portalamazonia.globo.com Acesso em 01/06/2013.